



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO NORTE DO TOCANTINS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO COM HABILITAÇÃO EM ARTES

Alcides Carvalho Krikati

Escolas Vivas da Aldeia Cipozal: conhecimentos sobre o território

Tocantinópolis, TO
2024

Alcides Carvalho Krikati

Escolas Vivas da Aldeia Cipozal: conhecimentos sobre o território

Memorial apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, para obtenção do título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação em artes.

Tocantinópolis, TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C331e Carvalho Krikati, Alcides .

Escolas Vivas da Aldeia Cipozal: : conhecimentos sobre o território / Alcides Carvalho Krikati. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS, TO, 2024.

42 f.

Monografia Graduação (Graduação - em Educação no Campo) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientadora: Aia Oro Iara (nome civil: Larissa Isidoro Miziara).

1. Apinajé. 2. Escolas vivas. 3. Plantas.

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Alcides Carvalho Krikati

Escolas Vivas da Aldeia Cipozal: conhecimentos sobre o território


Memorial apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Educação Humanidades e Saúde Tocantinópolis, curso de Licenciatura em Educação do Campo. Foi avaliada para obtenção do título de licenciado e, Educação do Campo e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 09/12/2024

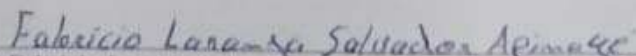
Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **LARISSA ISIDORO MIZIARA**
Data: 23/12/2024 14:23:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.ª Dra. Aia Oro lara (LEdoC-Artes/UFNT)

Documento assinado digitalmente
 **ODILON RODRIGUES DE MORAIS NETO**
Data: 23/12/2024 13:22:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Odilon Rodrigues de Moraes Neto - membro externo (Pedagogia/UFNT)


L.do. Fabricio Laranja Salvador Apinaje - membro externo (LEdoC-Artes/UFNT)

Resumo

RESUMO

Eu sou um indígena Krikati morando em território Apinajé. Neste memorial, eu reflito sobre a organização do tempo da Aldeia Cipozal a partir do trabalho com as plantas, da história da comunidade, da Escola e da Associação, para contribuir com a escola diferenciada e com a universidade. Também escrevo, como eu sinto a universidade e os meus principais desafios como um estudante indígena na Educação do Campo. No primeiro capítulo, apresento a Aldeia Cipozal hoje, falo da escola e da associação. Busquei refletir sobre a história de origem da Aldeia, as atividades que ocorrem ao longo do ano e como eu sinto a Aldeia a partir dos sentidos e sentimentos. No segundo capítulo trago as Escolas Vivas da Aldeia Cipozal nos conhecimentos sobre as plantas, apresento as experiências da Aldeia sobre “roça de toco”, “roçar mato”, “brocar as matas”, “derribada de roça”, “derribada de matas” e os conhecimentos dos mais velhos sobre as plantas do Cerrado.

Palavras-chave: Apinajé; Escolas vivas; Plantas;

Abstract

ABSTRACT

I am a Krikati indigenous person living in Apinajé territory. In this memorial, I reflect on the organization of Aldeia Cipozal's time based on work with plants, the history of the community, the School and the Association, to contribute to the differentiated school and the university. I also write about how I feel about university and my main challenges as an indigenous student in Rural Education. In the first chapter, I present Aldeia Cipozal today, I talk about the school and the association. I sought to reflect on the origin story of the Village, the activities that take place throughout the year and how I feel about the Village through my senses and feelings. In the second chapter I bring the Living Schools of Aldeia Cipozal into knowledge about plants, I present the experiences of the Village on "roça de toco", "roçar bush", "brocar the woods", "derribada de roça", "derribada de forests" and the knowledge of older people about Cerrado plants.

Keywords: Apinajé; Living schools; Plants;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.2 Quem sou eu? Um indígena Krikati morando em território Apinajé e estudando Educação do Campo com habilitação em Artes, no Bico do Papagaio.....	8
1.3 Como eu sinto a minha comunidade.....	10
1.4 Como eu sinto a universidade.....	12
2 CAPÍTULO 1.....	14
2.1 A história de origem da Aldeia Cipozal.....	14
2.2 A Aldeia Cipozal hoje	20
2.3 A Escola.....	21
2.4 A Associação “Akrōhti”: cipó na beira da água.....	26
3 CAPÍTULO 2.....	31
3.1 Escolas Vivas: conhecimentos sobre a flora do cerrado da Aldeia Cipozal.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

Eu sou Alcides Carvalho, um indígena Krikati morando em território Apinajé, um futuro professor indígena. Neste memorial, eu reflito sobre a organização do tempo da Aldeia Cipozal a partir do trabalho com as plantas, da história de origem da comunidade, da Escola e da Associação, para contribuir com a escola diferenciada e com a universidade. A Aldeia Cipozal fica localizada no município de Tocantinópolis, no estado de Tocantins, na Terra Indígena Apinajé, na divisa com o povoado Ribeirão Grande Pedro Bento.

Também escrevo, como eu sinto a universidade e os meus principais desafios como um estudante indígena na Educação do Campo. Busquei dialogar com autores/as indígenas, que estavam em formação de professores e outros em formação política.

No primeiro capítulo, apresento a Aldeia Cipozal hoje, falo da escola e da associação. Em diálogo com o caderno do tempo (CCLF, 2006), busquei refletir sobre a história de origem da Aldeia Cipozal, as atividades que ocorrem ao longo no ano e como eu sinto a Aldeia Cipozal a partir dos sentidos e sentimentos. O fundador, da Aldeia Cipozal é Valdeci Alvez Apinajé, que veio de uma aldeia mais antiga que é a Aldeia Mariazinha. Eu cheguei na região em 1995.

No segundo capítulo, eu compartilho os conhecimentos sobre a flora do cerrado da aldeia Cipozal. Considerando a importância do trabalho com as plantas na organização social, compartilho o trabalho com as plantas que organizam o tempo da aldeia Cipozal.

Neste capítulo eu escolhi, classifiquei, descrevi e desenhei as plantas que alimentam e curam da Aldeia Cipozal. Trago as Escolas Vivas da Aldeia Cipozal nos conhecimentos sobre as plantas, para mostrar a relação dos povos Timbira com o Cerrado, apresento as experiências da Aldeia Cipozal sobre “roça de toco”, “roçar mato”, “brocar as matas”, “derribada de roça”, “derribada de matas” e os conhecimentos dos mais velhos sobre as plantas do Cerrado. Também apresento as frutas e como as utilizamos na Aldeia Cipozal indicando os ambientes a partir das plantas.

1.2 Quem sou eu? Um indígena Krikati morando em território Apinajé e estudando Educação do Campo com habilitação em Artes, no Bico do Papagaio

A pesquisadora e antropóloga Maria Elisa Ladeira escreveu junto com indígenas em formação política na Escola Timbira que:

Na época em que os portugueses chegaram ao Brasil, junto com o navegador chamado Pedro Álvares Cabral, somente alguns poucos Kupe' sabiam ler e escrever. Nessa época não existiam máquinas fotográficas, **mas havia a profissão de escrivão, aquele que sabia escrever e contar o que acontecia em um lugar.** Por isso o rei de Portugal mandou um escrivão junto com Pedro Álvares Cabral, chamado Pero Vaz de Caminha, para escrever para ele sobre tudo o que encontrassem e vissem na viagem (LADEIRA, 2006, p. 15).

Hoje em dia, eu tenho o conhecimento e o direito de poder falar e escrever sobre os conhecimentos da história do lugar onde eu vivo, para fazer o meu trabalho na universidade dentro dos conhecimentos indígenas.

Eu sou Alcides Carvalho Krikati (ver Figura 01), casado com a filha de Valdeci e Irani, Elisagela Dias, nós temos 5 (cinco) filhos, dentre eles, três possuem filhos adultos. Nossos filhos são André Cupyht Apinajé Krikati, de 20 anos, Elisaberti Krikati Apinajé, de 22 anos, Alici Krikati Apinajé de 17anos, Artur Cutetehti Krikati Apinajé , de 11 anos e Alini Crowyh Krikati Apinajé, de 10 anos. Temos 6 (seis) netas e netos que são Eduardo Apinajé, de 9 anos e Marcelia Apinajé, de 4 anos, Andréia Apinajé, de 4 anos, Lidia Apinajé e Quilaria Apinajé são gêmeas de 1 ano.

Figura 05: Alcides e família.



Nasci em 20 de setembro de 1973, no município de Montes Altos, no estado do Maranhão. Na verdade, minha mãe chamada Naide Cawy Krikati é indígena Apinajé, mas foi registrada como indígena Krikati. Já meu pai, Nestor Carvalho era indígena Krikati. A minha mudança para a Terra Indígena Apinajé ocorreu porque a minha mãe se separou do meu pai quando veio morar em Apinajé. Quando meu pai morreu, eu vim visitar minha mãe e conheci Elisangela Dias e me casei com ela. Portanto, até hoje construímos a nossa família e moramos na Aldeia Cipozal, na Terra Indígenas Apinajé.

1.3 Como eu sinto a minha comunidade

Eu vejo mato próximo a Aldeia Cipozal (ver figuras 05). A aldeia não é grande, é pequena. Vejo também nas matas, os pés de Buriti, Bacaba, Açaí, que são as frutas que a comunidade utiliza. A água que usamos é do Ribeirão Beirão Grande Pedro Bento com essa água que bebemos, lavamos as roupas e principalmente fazemos comidas. Ou seja, na Adeia Cipozal não temos água encanada e nem sistema de saneamento básico. Vejo também na Aldeia Cipozal postes de energia elétricas e campo de futebol, a Escola Indígena Kampxi, as casas de palha de coco babaçu, refletores do campo de futebol, carros, placas solares de internet e também árvores

como os pés de Cajuí, Coco Babaçu e animas como cachorros, galinhas, criança brincando e jovens jogando bola.

Figura 03: Desenho das matas onde ficam os pés de Buriti. Desenho feito pelo autor.



Figura 04: Desenho da chapada onde tem mato pequeno debaixo das árvores maiores. Desenho feito pelo autor.



Na aldeia eu escuto o barulho de vento balançando as árvores como os pés de coco babaçu, escuto também o canto dos pássaros, e os jovens jogando futebol gritando para seus companheiros para jogarem para ele. E também escuto o canto dos galos e o latido dos cachorros.

Eu sinto cheiro dos alimentos como arroz cozido e de carne, e o cheiro das frutas do mato como Buriti, Bacaba, Juçara, Bacuri e Pequi. Mas também, sinto o cheiro das coisas que não boas, como das queimadas e também dos resíduos orgânicos.

Enquanto a minha família estiver com saúde e unida, eu me sinto muito feliz. Eu me sinto feliz com a minha esposa por estarmos construindo uma família bem unida e também me sinto feliz com família da minha esposa que me acolheu na etnia Apinajé e atualmente, na Aldeia Cipozal.

1.4 Como eu sinto a universidade

Cristine Takuá (2022) conta sobre a sua experiência com a universidade que segundo ela:

Quando fui para a faculdade, eu sofri muito. Os professores me chamavam de eloquente. E demorei a entender o que é eloquência. Porque, que muitas vezes eu falava muito que a flauta comunicava mais que os textos e do quanto eu tinha dificuldade para escrever um texto (TAKUÁ, 2022, p.3).

Eu considero que a experiência de Takuá com a universidade é parecida com minha porque eu tenho várias dificuldades, não só para escrever o texto, mas que envolvem outras questões que vou falar em seguida.

Na Universidade, nós indígenas encontramos algumas dificuldades. Vários fatores, por exemplo, no Tempo Comunidade (T.C.), eu passo por grande dificuldade para acessar internet, pois a Aldeia Cipozal não tinha internet até 2023 para eu fazer os trabalhos.

Para fazer os trabalhos, eu ia aonde tinha o sinal da internet mais próximo, que era na Aldeia Mariazinha. Esta aldeia é a sede da Escola Indígena Tekator, onde o sinal de internet é fraco e muitas pessoas acessam, por isso a dificuldade é grande.

A tecnologia digital não-indígena cada vez mais vem avançando muito na comunidade, cada dia que passa chegam as coisas novas, como aprender a manusear o celular e o computador para mandar e também, receber as informações para os professores.

A minha dificuldade é com a alfabetização digital, que eu estou aprendendo a manusear o computador para fazer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Isso me atrapalha um pouco, porque eu tenho que escrever o texto manualmente. Denilson Apinajé da Aldeia São José, que também é estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC-Artes UFNT) que me ensinou a escrever no computador. Aos poucos vou aprendendo, já tenho um computador e estou começando a manusear.

Eu preciso aprender a mexer no computador para fazer alguns trabalhos. O meu maior sonho é um dia ensinar os meus filhos e netos, para que eles não passem por momentos como este que eu estou passando. Quero ensinar o que eu aprendi, que não foi fácil, mais por lutar eu pude aprender. Com a luta, eu vou conseguir o meu objetivo de querer ser um bom educador.

Também, outro desafio são as chuvas, no tempo do inverno, de setembro a março, é o período que passamos por muitas dificuldades, porque quando chove atrapalha para se deslocar nas estradas. Quando chove muito as vezes não vamos para aula, com isso as vezes perdemos as aulas e as atividades. Então, nos dias que chovem e a chuva dura até uma semana, às vezes, não consigo fazer os trabalhos das disciplinas que foram dadas pelos/as professores/as, podendo gerar reprovação.

Um outro problema é a gasolina para a moto para ir à universidade. É um desafio também, porque quando a moto dá algum problema no pneu, por exemplo, me falta um transporte para ir para universidade. O Programa Bolsa família que recebemos não mantém a moto para estudar.

No Tempo Comunidade, de julho de 2024, minha moto deu um problema, não sei o que aconteceu! Ela parou de funcionar e eu tive que colocar na oficina para arrumar. Mas o valor do concerto foi alto, foi de um mil e trezentos reais. E encontrei uma solução de trocar por outra moto modelo 125. Eu troquei, mas não é boa! Mas dá para ir para universidade. O dono da moto modelo 125, não-indígena pediu de volta setecentos reais de entrada, eu dei para pegar a moto,

ainda sim fiquei devendo um mil trezentos reais. O problema que eu tive com a moto e também com o computador, me atrasou um semestre na defesa do TCC.

Nós, indígenas e quilombolas recebemos um auxílio do governo, chamado “Bolsa Permanência” que é no valor de R\$1.400,00 (mil e quatrocentos reais). Também, são oferecidos pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), os auxílios de moradia, alimentação, pedagógico, cultural e esporte. De 2019 a 2020, eu recebi o auxílio pedagógico e alimentação, após receber Bolsa Permanência, os outros auxílios foram cortados.

Atualmente melhorou, porque o governo atual do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, aumentou a bolsa estudantil indígena e quilombola, no valor para mestrado, para R\$ 2.500,00 (dois mil quinhentos reais) e de doutorado, para o valor de R\$ 3.500,00 (três mil quinhentos e quinhentos reais). A Bolsa Permanência de R\$900,00 (novecentos reais), aumentou para R\$ 1.400 ,00 (um mil quatro centos reais). Até agora não ocorreu aumento nos auxílios moradia, pedagógico, alimentação, esporte e cultural da UFNT.

Apesar desses aumentos, a cada dia que passa, também aumenta o preço dos alimentos e combustível. Eu também dependo de minha saúde para concluir o curso, porque a minha cabeça doe, tenho pressão alta e diabetes.

Uma outra questão que ocorreu comigo foi que eu tive que mudar de orientação. O meu primeiro orientador, um professor da LEdoC-Artes/UFNT que prefiro não identificar, não me orientou bem. Quando eu falava com ele, por mensagens de texto de WhatsApp, ele não me respondia e com isso, eu não realizei o trabalho no tempo certo, me gerando um atraso. Mas, com a professora Aia Oro Iara, deu certo! Porque quando eu falava com ela, ela sempre falava comigo para me orientar no que eu poderia fazer.

2 CAPÍTULO 1

2.1 A história de origem da Aldeia Cipozal

A história de origem da Aldeia Cipozal foi registrada a partir da metodologia do “caderno do tempo” (CCLF, 2006):

É um trabalho de pesquisa das/os professoras/es indígenas que tiveram como interlocutores seus parentes junto aos quais mergulharam e beberam na sabedoria dos mais velhos para quem o sol, o vento, a chuva, os animais e as plantas foram os informantes durante toda a suas existências, deixando suas marcas, que se transformaram em símbolos carregados de valores e significados apropriados pelos índios (CCLF, 2006, p.5)

O caderno do tempo é “o primeiro passo para a reelaboração do tempo histórico e linear, do tempo escolar imposto aos indígenas e do tempo cósmico revelados através das experiências do cotidiano” (CCLF, 2006, p. 6). Em diálogo com o caderno do tempo, busquei refletir sobre a história de origem da Aldeia Cipozal, as atividades que ocorrem ao longo no ano e como eu sinto a Aldeia Cipozal a partir dos sentidos e sentimentos.

O caderno do Tempo é “uma obra de arte, na reestruturação do tempo, no processo de construção das escolas diferenciadas, específicas e interculturais. A autonomia, ser Senhor a de seu próprio tempo, é a postura político- pedagógica mais significativa que os professores as revelam a conclusão deste trabalho (CCLF, 2006, p.7)”. Eu como futuro professor indígena, reflito com este memorial, na organização do tempo da Aldeia Cipozal para contribuir com a educação diferenciada e a universidade.

Como eu falei na introdução, a Aldeia Cipozal fica localizada no município de Tocantinópolis, no estado de Tocantins, na Terra Indígena Apinajé (ver Figura 03), na divisa com o povoado Ribeirão Grande Pedro Bento. Seu fundador é Valdeci Alvez Apinajé, que veio da Aldeia Mariazinha.

Valdeci Alvez Apinajé (ver figura 01), nasceu em 15 de maio de 1957 e possui 66 anos, é esposo de Irani Dias, que nasceu em 25 de abril de 1958 (ver Figura 02). Valdeci pensou em fazer uma aldeia para os seus filhos e netos. A família cresceu muito, todos os filhos e os netos e netas se casaram, por isso o senhor Valdeci resolveu fazer a sua aldeia.

Primeiro o senhor Valdeci escolheu um lugar para fazer a aldeia. Escolheu os limites do território Apinajé onde entram os invasores não-indígenas. Quando ele chegou neste lugar que ele escolheu, já havia um outro morador, do outro lado do rio Ribeirão Grande, onde hoje é chamado: “Aldeia Formigão”.

O senhor Valdeci pediu para o outro morador, da Aldeia Formigão, para se juntar a ele e aumentar a Aldeia Formigão, mas segundo conta o senhor Valdeci, os moradores da Aldeia Formigão não quiseram se juntar com a família do senhor Valdeci. Então, ele resolveu voltar para o lugar que ele tinha escolhido para fazer a sua casa, depois ele voltou para aldeia

Mariazinha para chamar os seus familiares. Ele falou para os filhos que tinha uma casa pronta e quem quisesse sair da Mariazinha, que o acompanhasse, pois segundo ele: “nós vamos sair agora para um lugar que eu escolhi”.

O senhor Valdeci e Irani saíram de vez da Aldeia Mariazinha. Passado um tempo, os filhos foram se juntando a eles e fazendo as suas casas.

Figura 01: Pesquisa imagética, levantamento seleção digitalização e produção de imagens para a disciplina de Laboratório de artes Visuais, com a professora Aia Oro Iara.

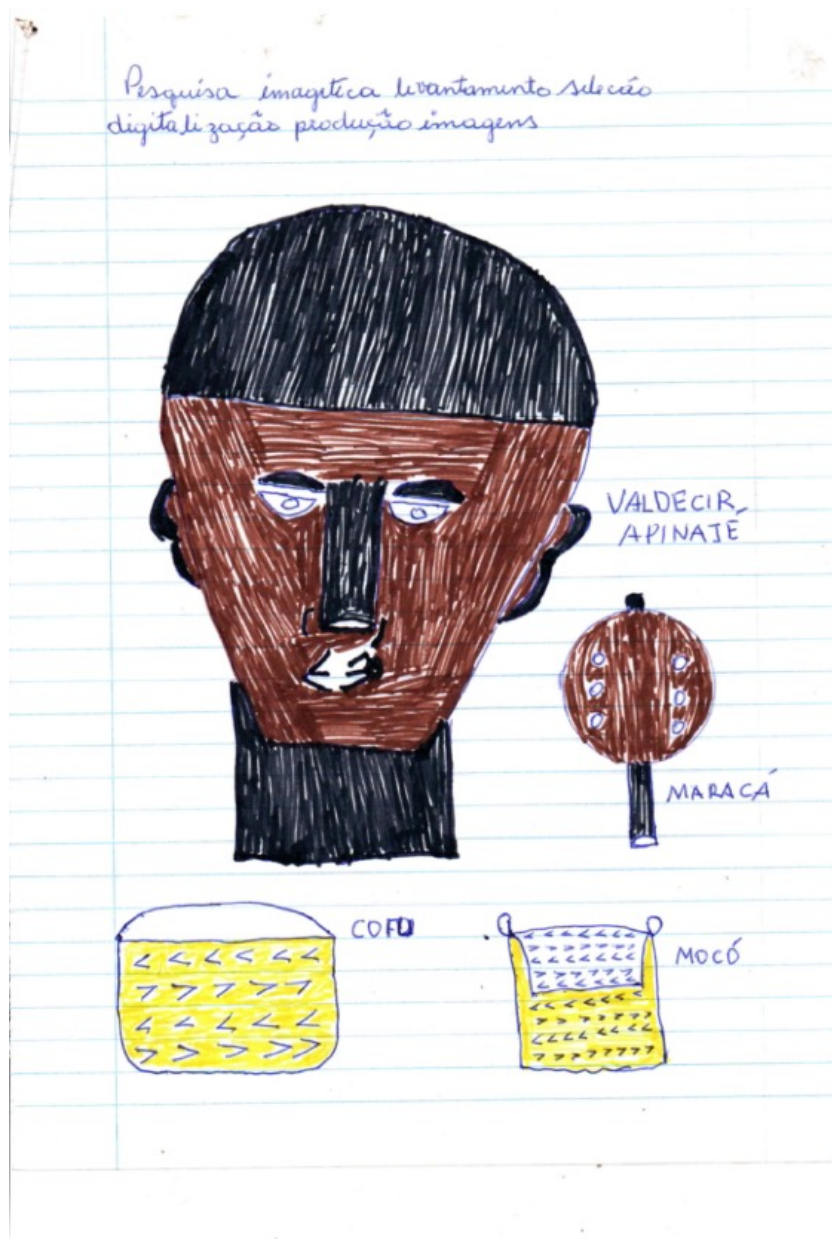


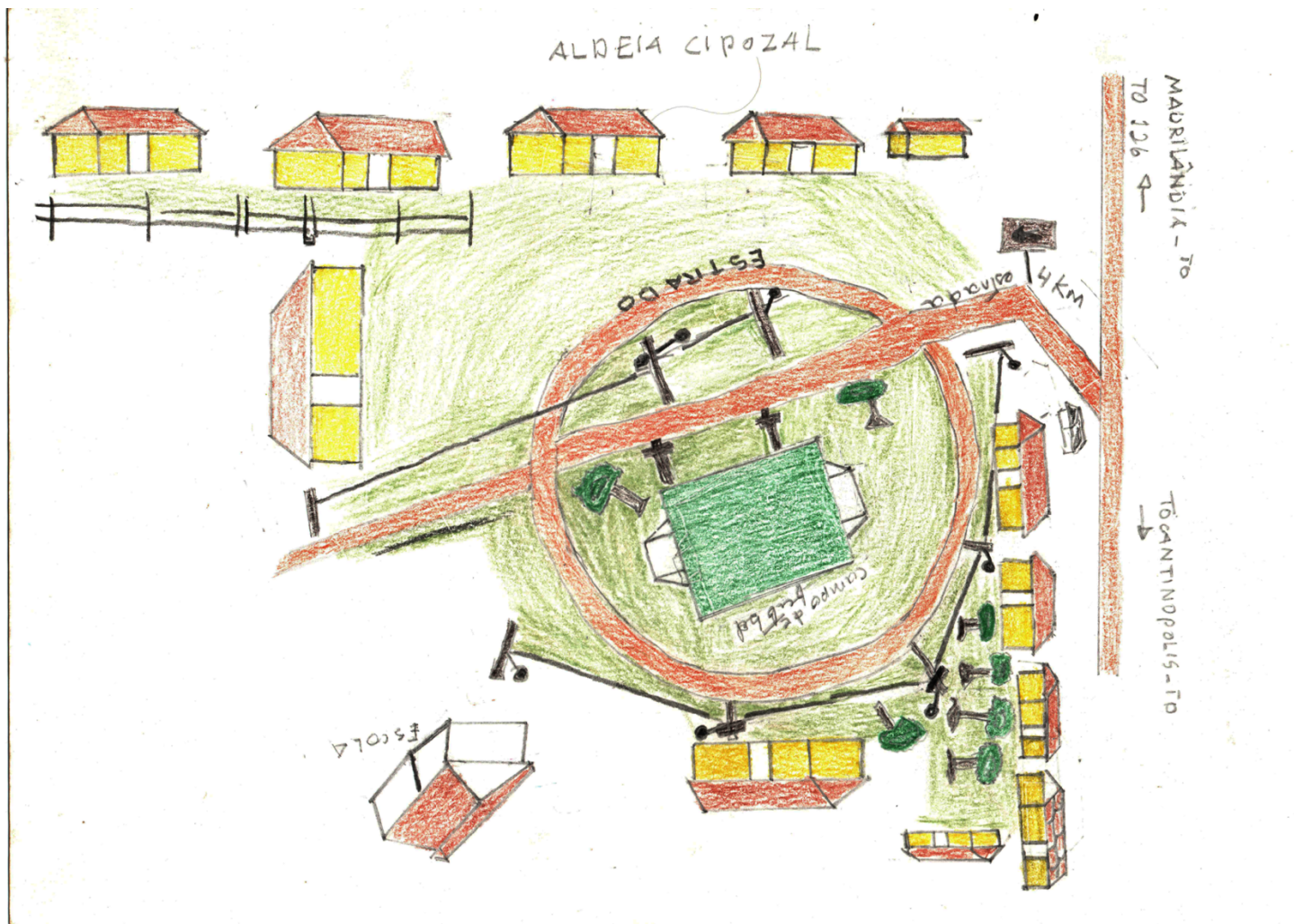
Figura 02: Valdeci e Irani Apinajé.



Figura 03: Mapa do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), da Terra Indígena Apinayé.



Figura 04: Mapa da aldeia Cipozal, vista de cima. Desenho do autor.



2.2 A Aldeia Cipozal hoje

A Aldeia Cipozal é redonda, não é grande, é pequena com 15 casas e uma população de 60 pessoas, segundo a contagem realizada em junho de 2024.

A primeira melhoria a chegar na aldeia Cipozal foi a energia elétrica. A energia elétrica foi boa para a comunidade, onde temos 6 (seis) postes de luzes, dos 6 (seis) postes, 4 estão com problemas por estarem queimados. Com a chegada da energia elétrica no ano de 2019, algumas casas possuem televisão, aparelho de som e geladeira. Esses equipamentos não são novos, são seminovos e usados, a maioria da população da Aldeia Cipozal recebe o Programa Bolsa Família.

Na Aldeia Cipozal, as mulheres e as meninas preferem assistir novelas, já os meninos, preferem assistir filmes e esportes. Os jovens torcem para os times de futebol Flamengo, Corinthians, Botafogo e Palmeiras. A televisão oferece uma formação a nível nacional, o jornal, por exemplo, apresenta informações do exterior e do Brasil.

A geladeira é a principal forma de conservar os alimentos, gelar a água, porque os jovens da aldeia Cipozal não querem mais tomar água na temperatura natural. Todas as casas tem energia elétrica para iluminar, ninguém quer mais ficar no escuro. Quando falta energia na comunidade, todos acham ruim, porque já se acostumaram com a energia elétrica.

Na Aldeia, ninguém paga pela energia elétrica, quando a empresa Aceltins manda o boleto de cobrança, não compreendemos os valores altos. Falta a empresa Aceltins acertar um valor a ser pago pela energia elétrica da comunidade.

Temos um campo de futebol, as traves do gol são de ferro, mas elas estão enferrujadas (ver Figura 04). Temos também, quatro refletores para iluminar o campo de futebol. Alguns refletores estão queimados, dificultando as atividades esportivas e também algumas atividades que a comunidade promove, como por exemplo, as cantorias, as festas culturais e as reuniões.

A Aldeia Cipozal foi criada numa área de fronteira entre o Território Indígena Apinajé e o povoado do Ribeirão Grande Pedro Bento, no local onde tinha algumas invasões que foram diminuídas, depois da criação da aldeia.

Na Aldeia Cipozal não temos Posto de Saúde, a equipe de saúde quando vai para a aldeia, atende em qualquer casa, não tem um local certo para atender a comunidade. Não temos um agente de saúde e nem técnica de enfermagem. E também, não temos poço artesianos para

abastecimento de água para a comunidade que ainda usa água do Ribeirão Beirão Grande Pedro Bento (ver Figura 07), para cozinhar, lavar, roupa, louças e principalmente, beber.

Figura 08: Rio Ribeirão Beirão Grande Pedro Bento.



2.3 A Escola

A nossa escola é uma extensão da Escola Estadual Indígena Kagapxi Extensão, da Aldeia Brejão. Segundo o secretário da Escola Indígena Tekator, Silvano Barro, não-indígena, morador do povoado Folha Grossa, a escola da Aldeia Cipozal não tem um nome porque é uma extensão da Escola Estadual Indígena Kagapxi Extensão que possui 20 (vinte) alunos.

A Escola Estadual Indígena Kagapxi Extensão, da Aldeia Cipozal, foi instalada na Aldeia Cipozal no ano de 2018, com a abertura da sala de extensão na aldeia, que tem seu fundamento legal amparada pela Instrução Normativa nº 003, de 29 de janeiro de 2019. Este documento garante no capítulo IV, das disposições finais e transitórias, no artigo 10º que estabelece:

O Ensino Fundamental dos anos iniciais deve ser ofertado na aldeia considerado o não afastamento das crianças e jovens do convívio familiar e suas comunidades, com

vistas à preservação cultural e linguística de cada povo especialmente, quando não for possível o atendimento em sua própria aldeia poderão ser atendidos na unidade escolar indígena mais próximo por meio de transporte escolar (INSTRUÇÃO NORMATIVA n.003/19).

A escola oferece os primeiros anos do Ensino Fundamental. Quando eu iniciei a escrita do TCC em 2023, a escola possuía 2 (dois) professores e uma merendeira. A criação da escola ocorreu em 11 de junho de 2011. Atualmente a escola atende duas aldeias, a Aldeia Cipozal e a Aldeia Formigão. Se na origem da Aldeia Cipozal, a Aldeia Formigão não quis se juntar com a família de seu Valdeci, agora a escola une as duas comunidades.

Na aldeia Cipozal temos uma sala de aula, em uma casa própria para escola que não tem paredes (ver Figura 4), está em espaço aberto, temos um quadro para a professora escrever para os alunos. Na escola temos carteiras, mas não são iguais, são diferentes umas das outras, temos nas cores azuis com braços e temos mesas pequenas com cadeiras. Não temos bebedouro, banheiro, iluminação, computador e nem impressora.

Figura 09: Espaço interno da escola.



A professora Maria Celia Dias (ver Figura 05), nascida em 22 de dezembro de 1974, com 49 anos, há muito tempo vem atuando como educadora. Primeiro foi educadora na aldeia Mariazinha onde atuou na Escola Indígena Tekator. Ela se formou em Licenciatura Intercultural, com habilitação em Ciências das Culturas, na Universidade Federal de Goiás. Após sua graduação, Maria Celia se mudou para Aldeia CIPOZAL, onde poderia atuar como educadora em uma sala de aula.

Figura 10: Professora Celia Dias.



A formação do professor Ercílio Rocha (ver Figura 06), nascido 11 de março de 1993, com 30 anos, foi jogador de futebol pelo Tocantinópolis e foi brigadista indígena no Território Apinajé, em 2019, atuou como professor na aldeia CIPOZAL, durante os anos de 2022-2023, apesar de ter apenas o Ensino Médio, foi estudante do curso de LEdoC- Artes/ UFNT, mas não concluiu, porque ele preferiu se dedicar ao futebol com treinos todos os dias e viagens.

Figura 11: Professor Ercílio Rocha.



A merendeira Maricelia Dias (ver Figura 07), tem 23 anos e cursou o Ensino Médio na aldeia Mariazinha, Escola Indígena Tekator. Atualmente mora na aldeia CIPOZAL.

Figura 12: Merendeira Maricelia Dias.



Ocorreram algumas mudanças no ano de 2024. Os alunos diminuíram e com isso a Seduc - Secretaria de Educação tirou um professor, Ercílio Rocha. Os alunos que saíram foram para outra escola, da aldeia Mariazinha aonde fazem o 5º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médios.

Primeiro, quando as aulas começaram, eram 20 alunos do primeiro ao quarto ano. Agora em 2024, a escola tem matriculado 14 alunos. Portanto, no momento tem uma professora, Maria Célia e uma merendeira, Maricélia.

Embora aconteceram algumas mudanças neste ano de 2024 na escola, como a perda de um professor, o coordenador da escola Aldeia Brejão, da Seduc, disse que não houve mudança, porque segundo ele, não temos alunos para cursar o primeiro ano, do Ensino Fundamental para abrir outra turma de manhã, já os 2º e 4º ano do Ensino Fundamental funcionam no período do amanhã.

2.4 A Associação “Akrōhti”: cipó na beira da água

Temos uma associação comunitária chamada Associação Akrōhti, foi criada em 11 de junho de 2019, para conseguir alguns recursos e políticas públicas do governo municipal, estadual e federal, para conquistar melhorias para a aldeia Cipozal. A Associação Akrōhti significa cipó, porque na Aldeia Cipozal tem muito cipó na beira da água.

A ata de fundação da associação ocorreu no dia quatro do mês de novembro de 2018, se tornando uma entidade pública municipal. Aos dias 26 de junho de 2022, a assembleia foi presidida pelo presidente Weslly Penkoy Fernandes Pereira Apinajé, e os membros da diretoria transformaram a AKRÕHTI em entidade pública municipal, regularizando a associação perante a Receita Federal e permitindo a abertura de conta bancária.

A nova diretoria, que ficará até 2026 possui como presidente Wesllwy, o secretário Silvano da Conceição Barros, eu como vice secretário, o Tesoureiro Jaime Acelmo Fernandes Apinajé, a fiscal Marycelia Pãnxre Dias Ribeira Apinajé e como vice fiscal, Elisabeti Dias Krikati Apinagé e como suplente fiscal, Valdecy Alves Apinajé.

Somente através da Associação AHKROTI podemos conseguir acessar certos editais e políticas públicas. A Associação AHKROTI não tem uma sede, para fazer a reuniões para discutir os problemas, por isso fazemos nossas reuniões na escola. Todos os moradores e moradoras da Aldeia tem que pagar um valor de R\$30,00 por mês de colaboração. Porém antes, os moradores e moradoras pagavam um valor de R\$20,00 a R\$100,00 de colaboração.

A Associação Akrōhti foi criada para a comunidade desenvolver algumas atividades, porque a comunidade criou uma meta de fazer reuniões para discutir nossos problemas. Trabalhar no coletivo envolve o cacique, o presidente da Associação e demais membros e membras da Associação, reunindo para discutir sobre um projeto que Associação que trabalhe para a comunidade.

O cacique da aldeia, Emilio Dias (ver Figura 3), nasceu em 25 de outubro 1983, possui 39 anos, é formado em Licenciatura Intercultural, com habilitação em Ciências de linguagem, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), atualmente é mestrando do curso de Cultural e Sociais, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como cacique da Aldeia Cipozal, ele resolve alguns problemas da comunidade e também foi o presidente da Associação das Aldeias Pentxá (durante os anos de 2021-2023), localizada em Tocantinópolis, Tocantins.

A experiência de organização por meio da associação envolve os membros como o cacique Emilio Dias que faz a reunião junto com o presidente da Associação e a comunidade para tratar dos assuntos e projetos que servem para a comunidade. Porque sem reunião a comunidade não resolve nada, por isso a reunião é muito importante para tratar de assuntos de interesse da comunidade. Se o cacique e outros membros da Associação errarem, a comunidade vai pelo mesmo caminho, porque todos aprovaram a decisão.

Foi em reunião que encontramos a solução de pagar pelos documentos de regularização da associação. Primeiro os membros da comunidade davam qualquer valor, mas a partir de outras reuniões decidimos o valor de 30 reais por mês, portanto, a associação está regularizada em 2024.

Figura 13: Emilio Dias, cacique da Aldeia Cipozal.



Até o momento nós conseguimos um pomar para comunidade (ver Figura 08), através de um projeto que foi financiado pela prefeitura de Tocantinópolis, na administração do prefeito Paulo Gomes.

Figura 14: Pomar de laranja.



Um outro projeto que conquistamos foi a produção de uma roça comunitária com dois alqueires, onde foi gradeada pelo trator de pneu da prefeitura de Tocantinópolis. Nesta roça nós plantamos em 2022, arroz, milho, feijão, mandioca, batata. Neste mesmo ano nós plantamos uma roça mecanizada, onde um trator de pneu gradeia a terra, porém desde 2022 a prefeitura não emprestou mais o trator.

Nós escrevemos um projeto solicitando internet da prefeitura de Tocantinópolis, que comprou e instalou uma antena de internet na aldeia CIPOZAL, em 2020. No ano da pandemia de covid-19 quando as aulas da universidade foram remotas conseguimos esta internet, mas não foi possível continuar com a internet porque foi cortada.

A Associação Akrōhti fez um projeto para um Associação Coaibe de Manaus, Amazonas, solicitando uma conexão de internet. Através de um edital nós conseguimos os materiais para a instalação de internet, que ocorreu em 28 de abril de 2023. Esta internet está funcionando.

Só através da Associação AHKROTI nós conseguimos 4 (quatro) projetos como o pomar de laranja, internet e roça mecanizada.

A roça mecanizada é uma derribada com trator de esteiro, ou com trator de pneu (ver Figuras 09, 10 e 11), depois que a roça é derrubada, o trator pneu entra para gradear a terra, para plantar os milhos, arroz, feijão, batata e mandioca.

Figura 15: Arroz produzido com a roça mecanizada.



Figura 16: Feijão produzido coma roça mecanizada.



Figura 17: Mandioca produzida com a roça mecanizada.



A Associação Akrõhti em 2024 foi contemplada com um projeto do Fundo Casa, no valor de 40 mil reais, para a construção de uma casa de farinha na Aldeia Cipozal. Este é um dos projetos que a comunidade queria! Até o momento já construímos três projetos para a conquista de internet e um pomar com oitenta pés de laranja e uma bomba para molhar, que foi conquistado em 2022 na gestão municipal do prefeito de Tocantinópolis, Paulo Gomes.

3 CAPÍTULO 2

A seguir compartilho sobre os trabalhos que são realizados na Aldeia Cipozal durante o ano de janeiro a dezembro, conforme a metodologia do caderno do tempo (2006), destacando a importância do trabalho com as plantas na organização social. São as plantas que organizam o tempo da aldeia Cipozal.

Neste trabalho, eu escolhi, classifiquei, descrevi e desenhei as principais frutas que a Aldeia Cipozal se alimenta como: o Buriti, o Bacuri, o Cajuí, o Cajú, o Pequi, a Bacaba e a Juçara, em diálogo com o livro “Me pajõ A’xu nossos frutos” (Ladeira, 2006), uma pesquisa dos jovens e professores timbira:

Os jovens Timbira escolheram, classificaram, descreveram, e ilustraram as principais frutas do cerrado aproveitadas e utilizadas pelos povos Timbira. O conhecimento aqui depositado é tão rico como a flora do cerrado e deve ser aproveitado da mesma maneira, com cuidado e conhecimento (Ladeira, 2006, p.10).

Segundo a autora (Ladeira 2006, p. 10) a ideia era fazer um livro bonito e colorido para compartilhar a riqueza do cerrado e os conhecimentos dos povos Timbira sobre a flora. Para Ladeira (2006, P.14): “Os povos Timbira vivem no Cerrado e dependem dele para sobreviver. Mas que isso, o Cerrado guarda a marca da presença dos povos indígenas e do seu modo próprio de ocupação e usufruto desse ambiente”.

Neste capítulo, eu trago alguns conhecimentos sobre as plantas. Para mostrar a relação dos povos Timbira com o Cerrado, apresento as experiências da Aldeia Cipozal sobre “roça de toco”, “roçar mato”, “brocar as matas”, “derrubada de roça”, “derrubada de mata” e os conhecimentos dos mais velhos sobre as plantas do Cerrado.

3.1 Escolas Vivas: conhecimentos sobre a flora do cerrado da Aldeia Cipozal

A comunidade da aldeia Cipozal trabalha com “roça de toco”, a roça de toco é feita pelo braço, não é feita com trator. No mês de junho, no tempo da roça, é o tempo para escolher um lugar para fazer uma roça. Brocar as matas significar limpar, roçar mato embaixo das árvores maiores, após 30 (trinta) dias começamos a derrubada das matas, que são as árvores maiores que estão na roça.

Hoje em dia a “derriba de roça” não é realizada com machado e sim com motosserra, dificilmente cortam as árvores maiores com o machado, porque com o machado é, mais cansativo, mas, com a motosserra é menos cansativo. Mas antigamente, a comunidade usava mais, o machado. O tempo de plantar é de setembro a novembro.

O tempo de colher legumes é de janeiro a fevereiro, quando colhemos feijão, milho, mandioca, batata e arroz. Ainda hoje plantamos estes alimentos na comunidade, na aldeia Cipozal temos pequi na chapada, 6 (seis) pés de cajú, 3 (três) pés de cajá, um pé de coco da praia, 5 (cinco) pés coco babaçu e também temos um pomar com 60 (sessenta) pés de laranja.

Temos uma bomba para molhar, os pés que estão quase todos grandes. O pomar foi feito em 2022, e a bomba irriga todos os pés de fruta está instalada para molhar o pomar no tempo seco, de junho a setembro. A laranja é importante para a comunidade porque é uma das frutas que as crianças mais gostam, além de ser doce e ter vitaminas. Pela sua importância, de ser uma fonte de alimento, a comunidade realiza a limpeza no pomar.

Conforme Ladeira (2006, p. 14) “Os Mehi utilizam as plantas do Cerrado de muitas formas diferentes e este conhecimento é transmitido oralmente, por meio dos cantos, histórias, e são motivos de muitos amjekin”. Cada povo tem o seu conhecimento sobre o seu território, quem tem mais conhecimentos sobre a flora são os mais velhos das comunidades aonde moram, porque nem todos os lugares são iguais, são diferentes. No caso da Aldeia Cipozal, os conhecedores são Valdeci Alvez, dona Irani, Maria Célia Apinajé e Elisangela Dias.

Para Cristine Takuá, a escola viva que ela sonha é (2022, p. 06): “(...) essa educação que dialoga com as coisas, com os seres invisíveis também, com os sonhos e com os seres não humanos. Eu parto desse pensamento desse sonho, desse impulso de sentir e acreditar que é possível a gente se relacionar e produzir fortalecimento dentro dos territórios acreditando nisso, em outros caminhos. Cristine Takuá (2022) fala sobre o conhecimento do seu avô: “O meu avô nunca foi a escola e era muito atento, esperto nos afazeres que ele praticava. Então criou-se essa ilusão buscar através da letra dos números um conhecimento superior, sendo que os saberes fazeres brota da nossa mão, que é uma flor”.

Para conhecer os remédios medicinais da mata precisamos correr atrás dos conhecimentos dos mais velhos das comunidades, porque só eles conhecem as plantas medicinais, tem plantas que pode curar as dores de feridas, de cabeça, febre e tosses.

As escolas vivas da Aldeia Cipozal, são as relações dos/as mais velhos/as da comunidade com o território, como por exemplo o senhor Valdecy Alves Apinajé que tem os conhecimentos sobre as plantas. Conforme ele falou: “tem plantas que serve para curar as dores como a dor de cabeça, febre e gripe. Na aldeia Cipozal tem um pomar com pés de laranja, cajuí, babaçu, além de termos internet, uma escola, um campo de futebol, um refletor, postes de energia elétricas. Estamos construindo uma casa de farinha, prevista para 2024 e 2025”.

De acordo com Valdecy, a Almece serve cuidar da dor de cabeça. Quando eu tenho dor de cabeça, eu cheiro o caroço.

A Aquina, também serve para dor de cabeça, febre e dor de estomago. A Catinga de Porco, serve para dor de barriga.

No dia cinco de setembro de 2024, eu tive sintomas de gripe, passei um dia deitado. Durante o dia, eu não tive tosse, mas à noite eu tossi muito não consegui dormir direito. No outro dia, a minha esposa Elisangela Dias resolveu fazer um “remédio do mato” para eu tomar. Essas ervas medicinais me ajudaram um pouco, mas assim mesmo resolvi comprar um medicamento da cidade para melhorar mais rápido, porque eu tenho o meu trabalho para fazer, que na faculdade é o TCC. Por isso, eu tomei “chá de vereda”, três vezes por um dia, além do remédio da cidade, para torar a tosse, nome do medicamento da cidade é Histamina Antialérgico, porém eu não posso tomar direto porque eu tenho problema de diabetes e esse medicamento é doce.

Para Ladeira (2006, p. 14) “As frutas servem para o consumo e preparo de muitos alimentos tradicionais (...) Servem também para fazer remédios, para ser usada em resguardos, para pintar o corpo, para fortalecer os caçadores e corredores, e para alimentar a caça”.

A partir dos conhecimentos dos mais velhos, alguns jovens da comunidade já tem um pouco de conhecimentos sobre extrativismos, como a minha filha, Elisabete Dias Krikati Apinajé, sabe tirar cajuí e leva as filhas para ensinar a tirar o cajuí. Não é somente ela que tira cajuí, outras pessoas da comunidade e animais vão também se alimentar de cajuí como a cutia e a raposa, que é um tipo de cachorro, mas é um cachorro do mato. Já a cotia é pequena e vermelha. Em diálogo com Ladeira (2006: p. 14):

As frutas participam de toda a vida dos Mehi e representam vida e fartura. Todos na aldeia são coletores, mas as mulheres e crianças coletam com mais frequência. Possuem técnicas de extrativismo desenvolvidas através de séculos, respeitando o tempo das flores e das frutas e o alimento das caças (Ladeira, 2006, p.14).

Tem lugares que não existem frutas, mas na aldeia Cipozal temos Bacuri “Prinhgàk”, Babaçu “Rõrkrã”, Bacaba “Kamêrt”, Buriti “Gwra”, Juçara “Kamêre”, Pequi “Pre”, Caju “Ahkwytre” e Cajuí “Ahkwytre”, conforme os desenhos realizados por meu filho André e por mim que compartilho em seguida.

Figura 18: Desenho da fruta do Bacuri de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 19: Desenho da fruta de Babaçu, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 20: Desenho da fruta da Bacaba, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 21: Desenho da fruta do Buriti, de André Krikati Apinajé, meu filho.

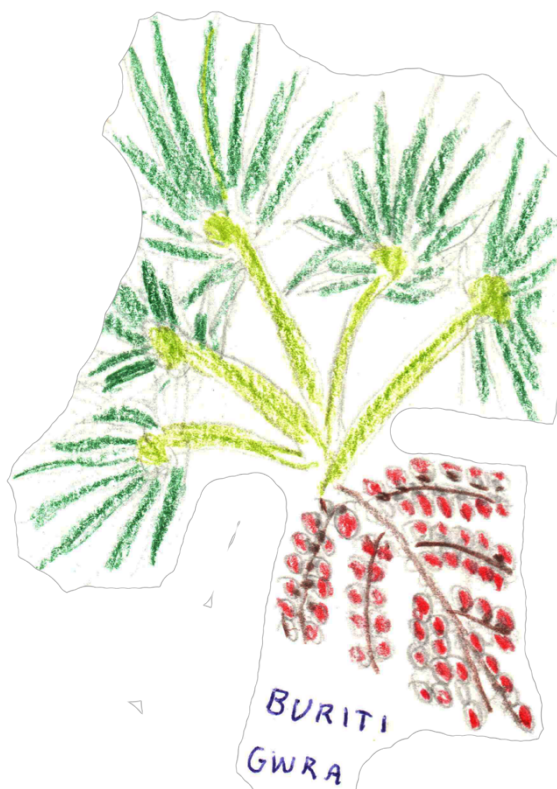


Figura 22: Desenho da fruta Juçara, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 23: Desenho da fruta e do pé de Caju, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 24: Desenho da fruta Cajuí, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Figura 25: desenho do pé e da fruta de Pequi, de André Krikati Apinajé, meu filho.

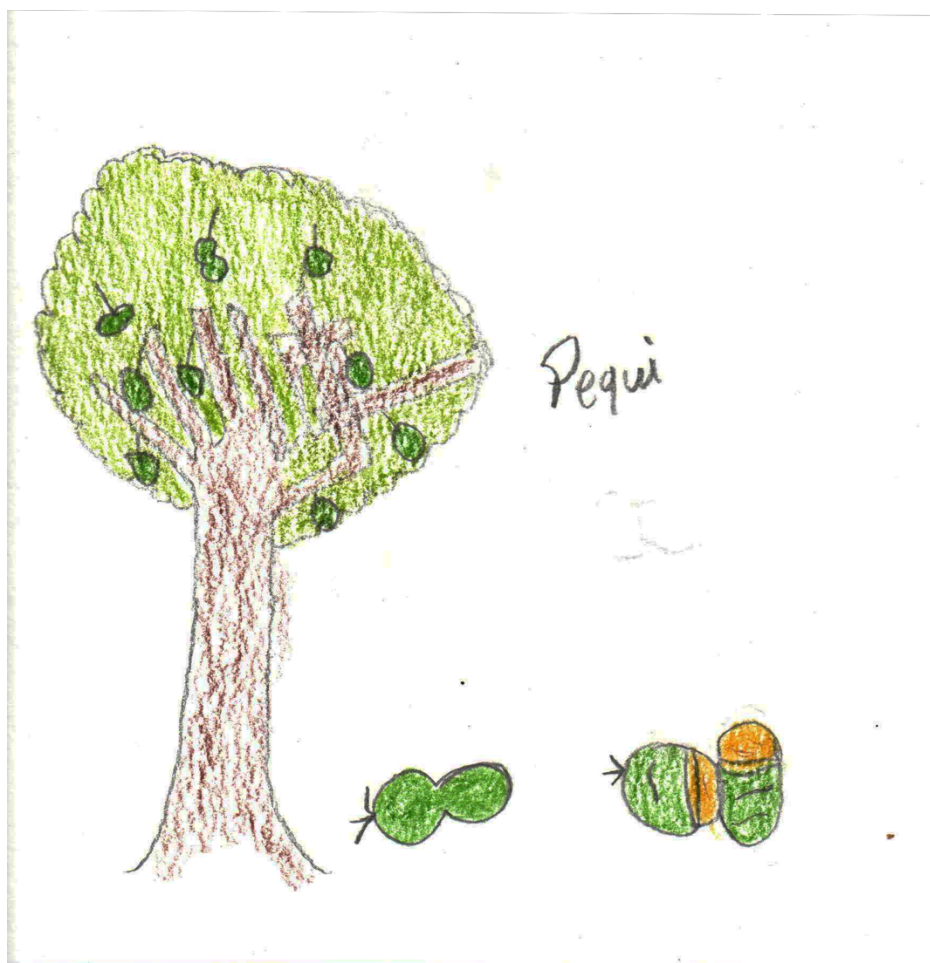


Figura 26: Desenho do pé e da fruta de Laranja, de André Krikati Apinajé, meu filho.



Agora, apresento as frutas e como as utilizamos na Aldeia Cipozal buscando, em diálogo com Ladeira (2006 p. 26), e os/as professores/as Timbira, indicar os ambientes a partir das plantas.

Na chapada encontramos Pequi. O Pequi é uma fruta que comemos que o cheiro é muito forte, nós comemos cozido. Eu gosto, porque a carne dele fica mole para comer com a farinha puba, ou misturado com carne de franco e de gado, ou ainda, misturado com arroz. Eu acho muito bom!

Eloiza Gretxa Dias Pereira, nascida em 18 de maio, de 1973, tem 51 anos e é considerada uma pessoa sábia da Cipozal, contou que o Pequi serve para comer cru com farinha de puba cozida e também colocar no arroz e na carne de frango. Serve para remédios, o azeite por exemplo, serve para curar da gripe, dores nas pernas e também para passar no cabelo para ficar bem macio para puder penteia.

Nós temos Cajuí na chapada e na Aldeia Cipozal. É uma fruta bem pequena, de cor amarela, eu gosto porque é doce. Serve para fazer suco, mas nem todas são doces, algumas são azedas, as verdes, que servem para comer com sal, eu gosto! E as gestantes gostam também! A casca do pé Cajuí serve para fazer remédio e curar quando se extrai os dentes para cicatrização. Para fazer o remédio é necessário tirar a casca, colocar ela em uma panela pequena e colocar água e esquentar, quando esfriar um pouco, derramar a água na boca por alguns minutos. De acordo com Eloiza, o Cajuí, serve para fazer doce, suco e a casca serve para as dores de dente.

O Bacuri nós encontramos na chapada. É uma fruta que tem uma casca bem grossa, mas ela não é dura para tirar, dentro da fruta tem um caroço pequeno e ao redor dele tem a carne do Bacuri. No manejo, a casca é quebrada para tirar a carne e fazer o suco. Os não-indígenas fazem picolé, então nós vendemos o Bacuri para alguns produtores.

Eloiza fala que o Bacuri é importante para a comunidade porque serve para fazer suco e picolé. Quem faz o suco e o picolé são as pessoas não indígenas que moram na cidade. Para nós indígenas o caroço do Bacuri serve para cicatrizar as feridas e para as queimadas de fogo.

A Bacaba, conforme Eloiza, é importante para a comunidade, porque serve como alimento. Comemos com a farinha de puba e tomamos o suco. É também vendida na cidade para as pessoas não indígenas, principalmente nos dias de domingo, na feira da cidade e na segunda-feira também é um bom dia. Na cidade serve para fazer “geladinho” (tipo de sorvete caseiro), picolé. O manejo da Juçara é o mesmo que o da bacaba.

O Tucum é encontrado na Chapada também. É uma planta que tem espinho e coquinho, dentro desse coquinho tem água, essa água serve para curar os olhos, quando estiverem doendo e também serve para fazer corda para artesanatos, e arco-flecha para matar as caças do mato.

Nas matas tem Buriti que é uma das frutas que servem para alimentos. O manejo do Buriti é pegar as frutas no pé e leva para colocar de molho na água para amolecer, em um dia já estão todas moles para tirar o suco, colocando as frutas moles em uma bacia e depois pisando elas com uma garrafa de vidro, depois coloque água e coe para comer com farinha.

A Juçara está no brejo. É parecido com o processo de tirar o suco do Buriti, é um pouco deferente. Coloque água na panela e derrame a Juçara esquentando um pouco e tirando do fogo para esfria, pisando ela e colocando água para tirar suco e coa. Pode tomar como suco sem farinha, ou comer com a farinha e bacaba ao mesmo tempo.

O Babaçu serve para tirar o azeite de coco para cozinhar arroz, fritar carne. Também serve para tirar o leite, fazer carvão na indústria além de sabão, biscoitos, óleo para cozinhar e alimentos para os animais.

A Eloiza fala que o Babaçu serve para fritar peixe, fritar carne e colocar no arroz, na fava e também para passar no cabelo. O carvão de coco é vendido para a indústria Tobasa na cidade. Com o babaçu, a indústria faz vários tipos de produtos como: biscoito, bolo, sabão, azeite, carvão e alimentos para os animais.

A Laranja é importante, de acordo com Eloiza, porque é muito bom para as crianças e adultos. São doces e servem para fazer suco e também, a casca serve para fazer remédios para curar dores de barriga e diarreias. A Eloiza falou que: “Os pés de laranja estão crescendo e no futuro vai dar laranja para a comunidade da aldeia Cipozal é o que à comunidade espera”.

As frutas que conseguimos vender são Bacuri, Bacaba, Juçara, Babaçu e Cajuí. Quem compra o Babaçu é a Tobasa, indústria que faz a extração total do Babaçu para produção de óleos, ração, farinha entre outros. As pessoas não indígenas da cidade compram Bacurí e fazem picolé e suco para venderem. A Bacaba é também usada pelas pessoas não-indígenas, no dia de domingo vendemos na feira da cidade. A Juçara, também costumamos vender para não indígenas nas ruas de Tocantinópolis. A Juçara e o Cajuí também vendemos na feira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha contribuição com esse trabalho foi contribuir com a universidade para compreender como vive os estudantes indígenas na UFNT, para poder mudar exclusão social de indígenas no Ensino Superior.

O trabalho trata de bibliografias indígenas de autorias indígenas, produzidos a partir da formação de indígenas na Escola Timbira, um projeto do Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

Compartilho com o trabalho de metodologia, destacando o trabalho com as plantas que organizam tempo na Aldeia Cipoal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADERNO do tempo: professoras e professores indígenas em Pernambuco. 2. ed. Belo Horizonte: Centro de Cultura Luiz Freire, 2006. Disponível em: <http://cclf.org.br/project/caderno-do-tempo>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LADEIRA, M. E. (org.). **Nossos frutos: Me Pojõ A'Xu**. 1. ed. Brasília: CTI, 2006.

TAKUÁ, C. **Escolas vivas**. [S. l.]: Dantes Editora, 2022. (Cadernos Selvagem).

INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 003, de 29 de janeiro de 2019

CTI. **Mapa da Terra Indígena Apinayé**. Org. Centro de Trabalho Indigenista. Junho, 2022.